Sabbado, 18 de Junho de 1921

ANNO V — NUMERO 122

A PLEBE

> Os poderes constituidos rir-se-ão da vontade popular emquanto ella se manifestar dentro dos limites da lei.
>
> GUESDE

Correspondencia para a redacção endereçada á redacção da A PLEBE
Rua Acre, 19 (provisoriamente) — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS

Anno	10$000	Semestre	5$000
Numero avulso	$100	Pacotes: 12 exemplares	1$000

Correspondencia para a administração endereçada a RODOLFO FELIPE
Caixa Postal 195 — S. PAULO

Uma explicação

Por um descuido verdadeiramente lamentavel, estampámos, em nosso numero passado, um artigo de collaboração em absoluto divergente da orientação sabida e firmada deste jornal. Queremos referir-nos ao artigo *Confrontos*, do nosso amigo Prof. C. C. Não sabemos si foi intenção deliberada deste nosso amigo defender o governo Hermes, ou a pessoa do Marechal Hermes da Fonseca. Acreditamos mesmo ter sido seu intento unico mostrar que, confrontados, o governo Hermes foi *menos ruim* que o governo Epitacio. Mas o caso é que seu artigo resultou em defeza do governo marechalicio, o que, estampado em columnas como estas de A PLEBE, constitue um absurdo flagrante. E' possivel que o governo Hermes tenha sido, *do ponto de vista republicano e democratico* menos ruim que o actual. Não é esse, porém, nosso ponto de vista. Nós não somos republicanos nem democratas. Nós vemos e comprehendemos as coisas — governos, regimens, instituições, homens, actos e factos — *do ponto de vista revolucionario da luta de classes*. Ora, deste ponto de vista preciso e scientifico, nenhum governo *exercido pela classe capitalista* — seja autocratico, democratico ou social-democratico, republicano ou monarchico—pode ser melhor ou peor para nós da *classe proletaria governada*. O mais brando e suave delles será sempre, por sua propria natureza especifica, um instrumento de oppressão manejado pelo capitalismo contra o proletariado. De resto, a relativa brandura ou ferocidade de um governo não depende das qualidades pessoaes do individuo na occasião á testa do mesmo. São as condições historicas do momento que determinam aquella expressão. Quanto ao caso em questão de governo marechalicio, a que se referiu o nosso collaborador, elle foi sobretudo, no tocante ao proletariado, um governo de mystificação e engôdo. Durante elle se construiram as famosas "villas proletarias", escoadouro dos dinheiros publicos, rendoso panamá para alguns cavadores de marca, e que hoje são habitadas por toda a especie de gente, menos operarios. Durante elle floresceu e prosperou o bando dos Pinto Machado, Cruz e Silva, Mariano Garcia e outros conhecidos amarellões e traidores do proletariado. Durante elle se reuniu, nada menos que no Monroe, o tal 4º ou 5º «Congresso Operario». E é falsissimo não tenha o governo Hermes commettido violencias e arbitrariedades contra os trabalhadores. E' só folhearmos nossos jornaes daquella época e veremos os casos innumeraveis de prisões, assaltos, espancamentos, expulsões, etc., etc... Fique, pois, assim, bem claro, que só por um lamentavel descuido poude sahir nestas columnas o artigo do nosso amigo Prof. C. C., vasado na fórma em que se acha, talvez apenas infeliz e contraria ás intenções do autor, mas de qualquer modo absolutamente inconciliavel com a orientação definida deste jornal.

O POVO

O Povo, esse conglomerado de criaturas cujo nome ou estirpe ninguem conhece, mas de cujos soffrimentos, trabalhos e actividades todos aproveitam, sem o esforço do qual as classes parasitarias não poderiam viver uma só hora que fosse, mas que têm um solemne despreso por tudo que cheire a origem popular, continua sendo a fonte perenne de todos os emprehendimentos, o receptaculo de todas as actividades e o mar sem fundo de todos os padecimentos imaginaveis.

Na paz e na guerra continua sendo o eterno sacrificado e o sempre ludibriado.

Na paz, trabalhando e agindo dia e noite, consecutivamente, ininterruptamente, para que a maquina social não pare, não soffra desarranjos que perturbem o seu normal funccionamento. Na guerra vertendo o seu generoso e vermelho sangue para gaudio, honra e proveito de meia duzia de parasitas que o levam ao matadouro com fins egoisticos, maliciosos e inconfessaveis, quaes sejam a defeza de interesses pouco licitos e pouco limpos.

Os industriaes, os commerciantes, os politicos, os sacerdotes têm todos variados e numerosos orgãos de publicidade para defender os seus interesses e para consolidar e alargar novos e mais polpudos negocios, e preparar mais e mais larga messe de poder, de dominio, de mandonismo. Do povo ninguem se lembra, ou quando o lembram é só para melhor o enganarem, fiados como estão na sua demasiada dose de bondade e de confiança. Pois bem. Nós homens do povo, tomando essa palavra como syntese de todas as virtudes e de todos os padecimentos, sentindo em nosso coração vibrar a mais profunda das indignações contra o esquecimento a que é votado esse povo que tudo produz e que tanto soffre, correndo-nos o sangue popular nas veias, filhos do povo que somos, vamos dedicar nossas actividades revolucionarias á defesa, á orientação e ao levantamento phisico, moral e intellectual desse gigante adormecido, para que acorde e, tomando consciencia de sua força, exija tratamento que de justiça lhe cabe e lhe convem.

E' uma tarefa delicada e perigosa, sabemos. Mas lá diz o ditado: quem não arrisca, não petisca.

E' uma tarefa ingloria e, em nossa marcha encontraremos mais espinhos do que flores. Mas o destino nos impelle e a verdade é grande como diz o aphorismo oriental.

Povo, pois, por nascimento e condição, por tradição, por educação e por indole, ninguem melhor do que nós poderá falar ao povo a linguagem simples, mas eloquente da verdade, ninguem melhor de que nós poderá interpretar, auscultar e desvendar a enorme avalanche de dores e de miserias, de padecimentos e de ignorancia que essa multidão arrasta como o grilheta arrasta os ferros de sua condemnação, sem alguem que desça ao seu seio para levar luz á sua pesada escuridão, palavras de conforto e de solidariedade ao seu interminavel captiveiro, alegria á sua immensa tristeza, ar, sol e flores ás trévas de sua ignorancia e de suas irracionaes crenças e superstições.

Pois é o que nós vamos tentar.

E' um trabalho herculeo, proprio do «matador de féras», mas nós o realizaremos. Armados de forte couraça contra o desanimo, empunhando a lanterna da nossa critica e de nossa consciencia subiremos a todas as montanhas e desceremos a todos os precipicios á procura dos nossos irmãos de soffrimento para lhes gritarmos como Christo ao paralytico: Ergue-te e anda!

E elles erguer-se-ão e caminharão!

DEMÓCRITO.

ENTRE NÓS

Escreve-nos um camarada:

«Estou perfeitamente de accôrdo com as considerações expostas nessa secção a semana passada.

A propaganda libertaria é uma obra que requer sacrificios pessoaes de toda ordem, e o verdadeiro revolucionario, apaixonado pelo ideal, é aquelle e só aquelle que não mede sacrificios pessoaes quando se trata da propaganda. Aquelle que não tem animo para sacrificar duas ou tres horas de repouso por dia e aproveital-as, de qualquer fórma, numa tarefa em prol da propaganda, aquelle que é incapaz de abolir o fumo, a bebida, o cinema, e outras diversões ou vicios pelo menos completamente inuteis, e empregar na propaganda as economias dahi resultantes; aquelle que tem sempre na ponta da lingua mil pretextos para excusar-se a tal ou qual encargo ou occupação da propaganda; a esses assim—e formam legião entre nós, digamol-o com franqueza—a esses considero-os eu meros dillettantes, e nunca *militantes revolucionarios* dignos desta honra.

Ora, camaradas de A PLEBE, eu lembrei-me de, para manutenção e divulgação deste nosso periodico, appellar para a energia e a vontade de uma duzia de rapazes de fibra, que considerem nossa obra a cousa mais séria, mais importante e mais urgente do mundo. Eu quero ter a honra de pertencer a esta duzia, e assim me apresento desde já para auxiliar por todos os modos a publicação e a divulgação de A PLEBE. Não haverá no Rio de Janeiro mais *onze anarchistas* com a mesma indomavel vontade? Ha-os, estou certo. Pois que se apresentem ao camarada redactor e formaremos um nucleo forte e capaz de manter e desenvolver o jornal.

De minha parte resolvi consagrar á A PLEBE no minimo tres horas diarias de esforço. Eu fumava, e deixo de fumar; ia ao cinema diariamente, e deixo de ir; além de me não prejudicar em nada — ao contrario — realizo só com isso uma economia de 9$000 por semana. Economisarei noutras coisas mais 3$000 por semana, e farei assim uma economia semanal de 12$000, que, a começar desta semana, entregarei ao administrador deste jornal.

Pois bem. Eu proponho aos onze rapazes, que queiram reunir-se a mim, fazerem o mesmo: 3 horas por dia e 12$000 por semana consagrados á manutenção e divulgação de A PLEBE. Serão 36 horas diarias de trabalho fecundo e 144$000 semanaes em prol do jornal».

A revolução proletaria é impossivel sem a destruição brutal do Estado burguez e sua substituição por um *novo* apparelho, o qual, como diz Engels, «já não é mais o Estado no sentido proprio do termo».—LENINE.

Uma opinião

Ha muitas coisas que além de não fazerem propaganda, prejudicam esta. Cousas que os nossos camaradas, por descuido, falta de traquejo ou por outro motivo qualquer, fazem ás vezes, sem comprehenderem o alcance do que fizeram, o effeito pernicioso, entre os novos, da sua falta de cuidado ou de criterio.

A nossa propaganda não é uma brincadeira. E' cousa muito séria, que exige os maiores cuidados, a maior coerencia nas suas manifestações.

Vem estas considerações a respeito d'uns artigos publicados em dois numeros, dos ultimos, d'A PLEBE, assignados pelo Professor C. C.

Todos nós sabemos o sacrificio enorme que requer a publicação de um jornal de propaganda. A falta de meios, reduz a nossa propaganda de imprensa a um semanario apenas em todo o paiz, e este mesmo feito com muitas dificuldades, obrigado muitas vezes a sair com uma pagina sómente.

Nessas condições, o mais natural, —parece-me — seria que esse jornal fosse criteriosamente aproveitado, de fórma a rezumir nele a vasta propaganda que o nosso meio exige, isto é, tornal-o a fonte limpida onde os simpatizantes das nossas ideias, pudessem beber os conhecimentos acerca dessas ideias, pudessem aprender, assimilar tão siquer, o que somos e o que queremos.

Mas para isso é precizo que essa fonte seja bem clara, que o nosso jornal tenha o cuidado de traçar um roteiro e seguir por elle com firmeza, sempre com o pensamento fixo na propagação das nossas ideias, procurando mostrar estas *mais claras* e inconfundiveis.

O primeiro artigo do Professor C. C., no qual aparecia com bastante clareza uma defeza á candidatura dos Srs. Mauricio de Lacerda e Nicanor do Nascimento, causou, como não podia deixar de causar, um descontentamento geral entre os nossos. Agora aparece no ultimo numero d'A PLEBE outro artigo do mesmo Professor, estabelecendo um paralelo entre Epitacio e Hermes, um artigo politico...

As manifestações de descontento tornam-se a revelar, mas como da primeira vez, ninguem se manifestará publicamente; o desgosto ficará abafado e os seus efeitos irão afectando aos poucos a vida do jornal, o que não é justo. Não é justo, nem leal.

Opino que entre nós deve haver a maior franqueza. A franqueza, quando apoiada em fortes razões não póde ofender nem melindrar ninguem.

Por isso creio que o melhor, principalmente entre nós, é falarmos claro.

Os artigos citados do Professor C. C. não são artigos para serem publicados n'A PLEBE. Este jornal deve ser dedicado puramente a esclarecer os diversos pontos da doutrina anarquica, explicar esta, tornal-a compreensivel. Ora, os artigos de que vimos falando teem um efeito absolutamente contrario. São estudos de personagens politicas encaradas sob um ponto de vista unicamente politico e as conclusões que de ahi rezultam não aproveitam nada á nossa propaganda, peior ainda: estabelecem confusões no cerebro dos neofitos, daqueles que vem buscar em nosso jornal o esclarecimento das nossas ideias. Pois si até aqueles que militam durante anos cometem ás vezes incoerencias, confundidos por essa propaganda descuidada, influidos pelas considerações de pessoas que, não conhecendo ainda as nossas ideias e a sua propagação tão profundamente como é necessario, exercem no entanto, pela sua cultura, uma certa influencia moral no nosso ambiente, como não comprehender que isso se dê mais facilmente e com efeitos mais desastrozos entre o elemento novo que busca avidamente novos conhecimentos e sem ter de antemão nenhuma ideia formada, aceita as que lhe dão?

E' por essa maneira que se forma essa porção de pretensas ramificações de anarquismo e socialismo que outra cousa não são que mistificações de ambas as doutrinas, amalgama sugerido pelo confusionismo estabelecido, por ideias soltas e de toda a especie, colhidas a granel, sem ordem, sem coordenação.

Esta é uma verdadeira doença do nosso meio, que tem feito mais estragos nele do que todas as leis de repressão e violencias policiaes, epidemia terrivel que, nestes ultimos tempos, tem-se desenvolvido entre nós de uma fórma desastroza.

Contra essa doença devemos empregar toda a nossa energia de legionarios de uma ideia fórte, sã.

A doutrina por nós adoptada é inconfundivel, definida e basta por si só para satisfazer o cerebro mais exigente de ideias e a alma mais sedenta de sentimentos.

Não precizamos, pois, para difundil-a e explical-a ir buscar recursos noutra parte, noutros credos, transigir, ser incoerentes.

Cada um de nós, pessoalmnte, póde apreciar as qualidades de habil politico do Sr. Mauricio de Lacerda. Póde até simpatizar com ele, ter-lhe amizade. Mas o que não póde, de forma alguma, é vir dizer pelas colunas de um jornal anarquista que a sua candidatura devia triumfar, que ele, (Mauricio), é um amigo dos trabalhadores. Isso não. Na Camara dos Deputados não póde haver amigos dos trabalhadores porque essa Camara é uma das colunas deste regimen de opressão da massa proletaria; porque cada deputado é um representante e portanto defensor de uma organização social que tem por principal fim manter a escravidão do proletariado. E considerando que o fito das leis liberaes é o de entreter e enganar o trabalhador para que não se revolte contra a sua situação e perpetuar assim o seu servilismo, não podemos concluir que um deputado liberal seja mais amigo dos trabalhadores, do que qualquer outro.

Na apresentação da sua candidatura e no empenho que mostrou em defendel-a, deu o Sr. Mauricio a melhor prova de não ser amigo dos trabalhadores.

Mas supondo mesmo assim que não fosse, nós não podiamos manifestarnos a favor da sua candidatura. Nem a favor, nem contra; nessa candidatura ou em outra qualquer.

Entre a politica e nós, ha um abismo, e quando pretendemos estabelecer pontes que nos permitam transpor esse abismo, deixamos de ser anarquistas.

Por isso a candidatura de quem quer que seja, não nos interessa. Sabemos que os que estão do outro lado são adversarios, sejam eles quaes forem, e contra eles, ou melhor, contra as instituições que defendem, devemos empregar todas as nossas energias.

E então, no ultimo artigo, foi o Professor C. C. mais infeliz. Defender o Hermes da Fonseca! Pois só isto faria rir, se não tivesse a tornar o caso serio, a circunstancia de ter aparecido tal cousa n'um jornal anarquista!

A nós importa pouco que um governante tenha sido bom ou mau, peior ou melhor que outro. Por principio somos contra todos os governantes.

Mas, como silenciar diante d'um trecho que o Professor escreve, em seu artigo, e publica com uma grande coragem, convencido talvez, de ter dito a verdade?

Referindo-se ao Hermes, diz ele:

«Representante maximo do militarismo no poder, dispondo de força a seu talante, não a empregou contudo contra o povo, isto é, contra os *humildes e sofredores*, mas tão sómente contra as truculentas oligarquias nortistas a derribal-as. Nunca perseguiu o operariado directamente (?) e, ao contrario, procurara sempre atendel-o, esforçando-se em melhorar a sua sorte com a creação de vilas operarias e de escolas para os desamparados».

Diz o Professor: «Nunca perseguiu

o operariado directamente». Si quer dizer com isto que nunca o fez *com as suas proprias mãos, pessoalmente,* então nos calemos, não dizemos mais nada. Mas como é impossivel que o tenha dito neste sentido, porque seria absurdo, lembrarei alguns factos que se verificaram no quadrienio do Hermes, que provam ao contrario do que se afirma nesse trecho.

Povo brasileiro, trabalhadores do Brasil, são, para mim, todos aqueles que nesta terra vivem de um ordenado, submettidos ao mando de outrem, assalariados, emfim explorados.

E foi sob este ponto de vista que, ao ler o trecho citado, a pagina mais hedionda da historia do governo Hermes, surgiu-me á lembrança.

Será possivel que se tenha esquecido a revolta dos marujos, provocada por uma disciplina despotica e barbara, que dia a dia se tornava mais intoleravel, fazendo da vida desses homens um perene martirio, sem que o «bondoso» Hermes influisse em nada para melhorar esse estado de cousas que durante o seu governo tomou um caracter ainda mais insofrivel? Que teve por causa sofrimentos inauditos e por desfecho a mais dolorosa vergonha da nossa historia? E os 18 homens condenados á morte horrenda de fome, nas solitariasda Ilha das Cobras, ordem essa executada por indicação do Marechal, pelo capitão de corveta Marques da Rocha, promovido depois, pelo mesmo Marechal, a Capitão de mar e guerra como premio do seu «feito glorioso»? E mais 250 levados no «Satelite» para o Acre, dos quaes sabe-se que 12 foram fuzilados a bordo, ignorando-se em absoluto a sorte dos restantes, dos quaes nunca mais se soube? E ainda 11 fuzilados na Vila Militar, em Deodoro?

Para que mais? Basta. Para tornar o nome do Marechal odioso bastam esses crimes.

Que importa que o seu governo não se fizesse distinguir pela perseguição ás associações e aos jornaes operarios? Estes não os havia e aquelas vegetavam.

Os governantes são mais ou menos reacionarios, conforme as circunstancias. Está mais do que provado que, nos lugares onde a reação policial contra os anarquistas é mais violenta é porque tambem a ação dos anarquistas é mais energica. Quando esta esta falta, aquela não tem porque manifestar-se.

A isso se deve o facto do governo do Hermes registrar menos violencias contra o operariado do que o do Epitacio. Não por ser ele melhor. E é lamentavel que se pretenda elevar, das colunas de um jornal libertario, essa figura grotesca de governante imbecil, ridiculo polichinelo que conseguiu transformar seu rir idiota em esgares tragicos, mas nunca sair do baixo, do vil, pois que esse ser infimo nem mesmo na tragedia soube ser grande.

Coloquemol-o no mesmo plano dos outros. Contra todos eles, o nosso anatema!

E pondo-os á margem, caminhemos para a frente, estudando as nossas ideias e aprendendo a pol-as em pratica.

Este é o nosso dever.

MARIA A. SOARES

NOTA DA REDACÇÃO — A camarada Maria A. Soares tem toda a razão, e a explicação que publicamos na primeira pagina põe as cousas nos seus devidos lugares. Mas o artigo de Maria A. Soares suggere-nos, ao mesmo tempo, umas outras considerações, de ordem diversa, mas opportunas. Queremos referir-nos a uns tantos camaradas *cujo unico trabal o em prol da propaganda* consiste em *fiscalizar* — é o termo — aquelles outros entregues a taes ou quaes tarefas da mesma propaganda. Ha-os em S. Paulo, no Rio, e cremos que por toda a parte. São individuos que nada, ou pouco menos que nada fazem pela obra commum. Sua preoccupação absorvente é esquadrinhar erros e faltas alheias, daquelles que trabalham e que erram ou commettem faltas *porque trabalham,* pois que só não erram *os que não trabalham.* Nós aqui, como não temos vaidades, nem melindres tolos, acceitamos e acceitaremos sempre, de bom grado, as advertencias e os conselhos justos daquelles camaradas que *trabalham de fac'o* em nossa propaganda. Os que só fazem *criticar* e *fiscalisar,* a esses não daremos attenção de especie alguma.

Muito embora constitua, na historia, um progresso immenso sobre a idade média, a democracia burgueza continúa sendo sempre, e não pode deixar de o ser, em regimen capitalista, um regimen estreito, arrochado, mentiroso, hypocrita, um paraiso para os ricos, uma cilada e um logro para os explorados e os pobres.—LENINE.

Sobre a greve da Ingleza

Este caso da greve dos ferroviarios da Ingleza, em São Paulo, apresenta um aspecto edificantissimo. O motivo da greve é sabido: diminuição de 20 °/. nos salarios do pessoal. Este, naturalmente, não se conforma com semelhante diminuição e dahi a greve. Greve justissima. O custo dos generos não diminuiu, e antes tem augmentado incessantemente, numa clamorosa desproporção com a capacidade adquisitiva dos salarios, mesmo os mais elevados. Não ha justificativa possivel para uma tal diminuição.

Mas o aspecto edificante do caso nol-o fornece a Agencia Americana, em telegramma enviado de S. Paulo para os jornaes do Rio, ha dias. Dizia o telegramma que a Superintencia da Ingleza estabeleceu a reducção de 20 °/o no salario dos trabalhadores daquella via ferrea em virtude de ordem nesse sentido recebida da Directoria em... Londres.

O facto, em termos simples, é o seguinte. Os accionistas, isto é, os capitalistas da Ingleza são inglezes, residem na Inglaterra, estando em Londres a séde da Directoria da Companhia. Esses capitalistas provavelmente nunca vieram ao Brasil, que é para elles um vago e immenso paiz situado na America do Sul,—uma colonia,senão politicamente reconhecida, virtual e effectiva, do ponto de vista economico. Pois é assim consideran. do as coisas que os accionistas da Ingleza, commodamente installados na séde da Directoria, em Londres, deliberaram, numa feia tarde de bruma espessa e agudo spleen, augmentar mais ainda os dividendos dos capitaes por elles empregados na exploração desta longinqua estrada de ferro derramada no longinquo Estado de São Paulo, longinqua provincia do longinquo Brasil. Sem mais aquella, os fleugmaticos accionistas recorreram ao meio mais facil de augmentar seus dividendos: diminuindo os salarios dos trabalhadores. Muito simples, como se vê.

Ora, bem. A' hora em que escrevo este innocente commentario, a gréve mantém-se no mesmo pé. Talvez esteja solucionada á hora em que circular este jornal. E dahi talvez não esteja solucionada—e talvez se tenha aggravado. Supponhamos a peor das hypotheses: uma resistencia tenaz e batalhadora por parte dos grevistas. O trafego da estrada completamente paralysado. Agitação e effervescencia crescente entre os trabalhadores. Assembléas ardentes e enthusiasticas. Odios e desesperos famintos que explodem. A classica intervenção da policia. Conflictos mais ou menos graves. Prisões, espancamentos, expulsões.

Nessa occasião, aquelles mesmissimos jornaes, que publicaram o referido telegramma da Americana, estamparão noticias e artigos alarmantes sobre a greve. As objurgatorias serão as mesmas de sempre: «fermentos anarchicos:»—«agitadores estrangeiros!»—agentes de Moscou!»—«a policia deve ser implacavel!»—«o governo deve tomar as mais energicas medidas de defesa da tranquillidade publica perturbada pelos manejos de estrangeiros aqui aportados com sinistros intentos de desordem»—«o Brasil não é cloaca do mundo!»—«expulsão! expulsão! expulsão!» Os senhores nacionalistas, batendo na mesma velha tecla da imprensa, bradarão, servindo-se das mesmas chapas, contra «o bolchevismo estrangeiro a immiscuir-se insidiosamente nos pacatos meios operarios nacionaes...» e reforçarão a gritaria jacobina da imprensa branca e amarella, reclamando dos governantes que aperte ainda mais o arrocho contra os trabalhadores: deportação para os não brasileiros e cadeia para os brasileiros... degenerados.

Todavia, o movimento grevista, com todas as suas naturaes e logicas consequencias terá sido provocado por um grupo de capitalistas estrangeiros, que nem ao menos residem no Brasil. Mas esses, que lá de longe, tranquillamente installados em Londres, vivendo da exploração do trabalho alheio executado no Brasil, esses para a imprensa e para os nacionalistas delamarianos, não são «estrangeiros perigosos» á ordem. Esses são estrangeiros benemeritos, que nos concedem a honra insigne de empregar seus capitaes nas empresas de expoliação do Brasil. De resto, comprehende-se uma tal attitude em nacionalistas vorazes e jornalistas insaciaveis: os estrangeiros proprietarios, pois que são proletarios, nada lhes podem pagar, ao passo que os estrangeiros capitalistas, pois, que são capitalistas, tudo lhes podem pagar. E essa gente pensa e sente unicamente segundo o tilintar das moedas...

Si agora se aggravar a greve da Ingleza, havemos de ver como tudo isso se ha de verificar, mais uma vez, mathematicamente.

AURELIO CORVINO.

No estado burguez, mesmo o mais democratico, as massas opprimidas topam a cada passo com uma contradicção clamorosa entre a igualdade *formal,* proclamada pela «democracia» dos capitalistas e as milhares de restricções e complicações de facto que tornam os proletarios escravos salariados.—LENINE.

AMENIDADES.

A famosa folha astral do commendador Mattos mudou de opinião, ultimamente, a respeito da questão presidencial, com a mesma facilidade com que uma pessoa muda de camisa. Quando o Sr. Raul Soares lançou a candidatura do Sr. Bernardes, abrindo a celeuma da successão entre os vinte e um syndicatos politicos que desgovernam o Brasil, a Razão *foi dos jornaes que atacaram a candidatura Bernardes. Mas acontece que* a Razão, *apezar do apoio e da solidariedade que lhe presta o Astral Superior, é uma empreza ás portas da fallencia. O Sr. Victor Silveira, que não é trouxa, fez o que poude para arrebental-a, da segunda vez que lhe geriu as finanças, até recentemente. O commendador Mattos, quando deu com as tramoias desse maldoso enviado do Astral Inferior, estrillou solemnemente. Convocou assembléa dos accionistas da empreza, a qual assembléa destituiu o Sr. Victor Silveira do cargo que occupava, indo a coisa parar nos tribunaes. Essa mesma [illegible], destituindo o Sr. Victor Silveira, designou, para substituil-o, ao Sr. Caio Monteiro de Barros. Este acceitou, e tentou, ao que parece, concertar e remendar o rombo aberto na empreza. Mas era um caso perdido. O Sr. Caio Monteiro de Barros desistiu do intento e retirou-se do cargo. Ora, bem. Ao dia seguinte, apparece* a Razão *apoiando ardorosamente a candidatura Bernardes, por ella mesma apodada, até á vespera, de inconveniente aos interesses sagrados da Patria amada. Como explicar-se tão subitanea mudança de opinião? Os fieis do Centro Redemptor, onde pontifica o perobico e fantastico escriba das Notas, acreditarão piamente que se trata de inspiração descida do Alto, vinda do Além, ditada pelo referido e infallivel Astral Superior. Eu, porém, que não desfructo a ventura de pertencer á crédula grei dos fieis do Centro Redemptor, e julgo-me razoavelmente informado dos processos em uso na grande imprensa no concernente a attitudes e opiniões, eu explico de outro modo aquella mudança. Deste modo:* a Razão *recebeu, ou vai receber dinheiro dos cofres publicos de Minas. De resto, um simples raciocinio basta para comprehender o phenomeno.* A Razão *é uma empreza ameaçada de fallencia.* A Razão *é um jornal que ataca a candidatura Bernardes. O governo de Minas tem subvencionado e continúa a subvencionar os varios jornaes que defendem a candidatura Bernardes. De um dia para outro,* a Razão *muda de opinião e começa a defender a candidatura Bernardes. Ora, isto é claro como agua, como esta nossa crystallina agua carioca...*—TRISTÃO.

A emigração para o Brasil

Tres causas principaes têm perturbado a immigração no paiz: a escravisação dos colonos nas fazendas; a falta de garantias dos mesmos com a perseguição exercida pela policia quando ha reclamações e pela indifferença dos representantes diplomaticos que, pelas conveniencias politicas-sociaes internacionaes que se baseiam em mentiras, têm silenciado sobre as graves occurrencias, que têm surgido no interior, apaziguando-as sempre em detrimento de seus jurisdiccionados. Querem fazer desta questão da immigração uma questão complexa. No entanto ella é simplissima, desde que façam respeitar as condições dos contratos por parte dos patrões, o que nunca aqui foi regularisado nem tão pouco respeitado principalmente nos feudos-fazendas.

Cumpridos os compromissos assumidos pelos caloteiros fazendeiros, cessarão as causas apontadas.

Consta já haverem tres paizes prohibido officialmente a emigração para o Brasil: Portugal, Hespanha e Italia. Não são para espantar taes deliberações. Quem semeia ventos colhe tempestades. Esses paizes têm toda razão em terem tomado essas medidas. De ha muito já se vêm accumulando contra o nosso systema de colonização e localização dos trabalhadores aqui, queixas continuas, denuncias e reclamações a seus respectivos governos sobre o tratamento dispensado aos trabalhadores estrangeiros. Esta questão já não é nova. Desde o começo da republica que ella vem vindo sem que os representantes diplomaticos a hajam tomado a serio ou a fecharem os olhos ou a acommodarem as contendas quando mais graves eram as indignações.

Estas partiam constantemente da imprensa estrangeira aqui publicada, domiciliada.

E então as agitações acalmavam-se. Essas agitações eram esporadicas em um ou outro ponto do paiz mas constantes no Estado de S. Paulo.

Quem conviveu, como nós, por espaço de 25 annos no interior do Estado de S. Paulo, é testemunha presencial desses conflictos degradantes e constantes pelas fazendas entre colonos e os verdugos administradores. Sabe perfeitamente que estes vieram «substituir os antigos feitores da [illegible] da escravidão preta pela dos brancos nas fazendas de S. Paulo. Essa luta é antiga e dá para uma «odysséa» ou um minucioso relato de factos horrorosos commettidos no Estado *modelar* desta republica de negreiros. As vozes dos miseros colonos escravisados eram abafadas pelas conveniencias e mentiras convencionaes das taes relações diplomaticas internacionaes. A historia dos «protocollos» foi a ponta do véu a descobrir as miserias dessas tricas.

Agora agita-se de novo a questão; mas as condições sociaes são diversas em que as massas trabalhadoras mundiaes se hão agitado em movimentos continuos de reivindicações a forçarem os dirigentes daquelles paizes a tomarem outra feição a respeito de todos os seus direitos. Agem obrigados pelo medo. O mar morto das massas convulsiona-se continuamente em movimentos tumultuosos de revoltas tempestades. E, si essas causas não obrigassem os dirigentes, permaneceria a questão da mesma fórma no *statu quo* de sempre. Tudo tem concorrido para o nosso descredito no exterior, aggravado principalmente quanto á questão social, sendo o unico paiz no mundo que nenhuma solução ha tomado sobre a organização equitativa do trabalho. E não só isto como tambem as injustas deportações que os negreiros politicos nossos têm feito á vontade sem respeito algum á cousa alguma. Transcrevemos em seguida um telegramma de Madrid, data de 5, a proposito dos máos tratos aqui infligidos a immigrantes. Eil-o: «O ex-ministro general Marques Pilares, presidente do Conselho Superior de Emigração declarou á United Press que tendo alguns consules da Hespanha no Brasil denunciado ao Conselho o tratamento deshumano que recebem os emigrantes especialmente no interior do Estado de S. Paulo, havia recolhido as necessarias provas e recommendado ao governo a prohibição da emigração para esse paiz. Queixam-se os emigrantes de que ao chegarem ao Brasil são internados no interior, separando ás vezes individuos da mesma familia.

«Os fazendeiros tratam-n'os como a animaes e os obrigam a fazer os seus sortimentos nas cantinas de propriedade de especuladores que lhes fazem liquidações abusivas, ficando o emigrante devendo ao fazendeiro, não recebendo os salarios depois de um anno de trabalho. Pela mais insignificante falta são encerrados na cadeia, não podendo alguns resistir ao castigo. Por esse motivo o Conselho julgou de seu dever zelar pela sorte dos emigrantes e enviar um relatorio propondo ao ministro do Trabalho a prohibição emquanto o governo brasileiro não garantir formalmente os direitos e a vida dos emigrantes hespanhoes. Acrescentou o Sr. Pilares não ser exacto que a proposta se baseie nos maus tratamentos dados pelas companhias de navegação aos emigrantes, considerando ser isso certo, mas accidental e independente da tristissima situação dos emigrantes que o governo deseja melhorar».

Temos infelizmente e com a maior tristeza de, como brasileiro, affirmar que tudo quanto acima relata o telegramma é a pura verdade. Somos testemunha de tudo quanto em relação ao abastecimento dos colonos se passa nas fazendas. Tudo é verdade que, com mais vagar, exporemos de «visu».

PROF. C. C.

O NOSSO ESCOPO

Todos os grupos ou classes capitalisticas e politicas têm os seus orgãos na imprensa, os quaes todas as manhãs apregoam ao povo o elixir da longa vida, a panacéa universal que dará pão aos famintos, vista aos cégos, ouvido aos surdos, fala aos mudos, saude aos doentes, locomoção aos paralyticos, bem estar e liberdade a quem dessas cousas careça.

No emtanto, emquanto essas castas engordam cada vez mais, o pobre e desamparado povo, o humilde e despresado operario mais e mais arrasta uma vida de dores sem conta e de difficuldades angustiosas e apavorantes.

Todos na apparencia demonstram muito intéresse e muita ternura pele desprotegida classe popular, mas, na pratica, todos procuram defender os proprios negocios e o povo que carregue duas cangalhas em vez de uma, e que rebente de fome ou de canceira se não puder ser doutro modo.

Por isso a necessidade que temos de fazer ouvir nossa despretenciosa voz em capitulo; o dever que temos de elevar nossa palavra para a contribuição do estudo e solução da magna Questão Social que a todos deve interessar, mas pela qual o operariado tem predilecção especial, visto a urgencia que sente da mudança de sua mesquinha sorte no concerto da vida social; a obrigação que se nos impõe de, por todos os meios ao nosso alcance e dentro dos limites de nossos apoucados conhecimentos, concorrermos para o debate e para a comprehensão desse problema assoberbante e vertiginoso que traz o mundo em convulsões, ameaçando derrubar todas as instituições compressivas que nos embaraçam os passos, nos tolhem os movimentos, nos suffocam as generosas iniciativas e os nobres impulsos para a implantação dum regimen em que reine a paz perpetua entre os individuos, as familias, os povos e as nacionalidades.

Por esse modo se explica a nossa teimosia na arena jornalistica. E nossa voz, comquanto modesta e apagada, não deixará, cremos, de ser escutada por todas as pessoas que, como nós, sentem necessidade da transformação social, especialmente da parte do proletariado em geral que encontrará em nós acerrimos defensores, sempre que os seus direitos periclitem, que seus interesses ou liberdades sejam menoscabadas ou restringidas.

Queremos concorrer para a educação e libertação dos trabalhadores.

Pela palavra, pelo exemplo, pela critica sincera e leal dos factos, pela persuasão e tolerancia mutua: aconselhando respeito reciproco entre os membros da collectividade, esforçar-nos-emos por ser uteis ao povo do qual somos uma insignificante particula e de cujas aspirações, lutas e sacrificios participamos até ao mais fundo de nossas fibras.

ALDO.

O MOMENTO INTERNACIONAL

EUROPA

ITALIA

A crise italiana

Logo após a dissolução do parlamento italiano, em abril ultimo, escreveu Jacques Mesnil, na *Revue Communiste* (n. 14, de abril), um excellente artigo sobre a crise politica e social que agita aquelle paiz. Jacques Mesnil é um perfeito conhecedor das coisas italianas, e esse seu artigo, que traduzimos e publicamos a seguir, esclarece, resumidamente, mas com segurança e precisão, a verdadeira situação revolucianaria da Italia. Eis o artigo:

A Camara eleita em novembro de 1919 acaba de ser dissolvida por decreto real e a burguezia capitalista vae tentar eleger, por todos os meios, inclusive a violencia, uma Camara mais docil, que lhe permitta governar mais commodamente e organizar mais estavelmente as forças reaccionarias.

Lancemos um olhar synthetico sobre este periodo caracterizado pela predominancia do partido socialista no Parlamento (quasi dois terços dos deputados pertenciam ao partido) e pela parabola descendente de sua acção sobre as massas: são dois phenomenos, esses, não raro commuttantes.

As eleições (de 1919) se fizeram logo após o Congresso de Bolonha, o qual, pelo espirito que o animou e pelas resoluções nelle tomadas, parecia um Congresso de vespera de revolução. Todos os socialistas, por occasião desse Congresso, queriam ser maximalistas, e o maximalismo entrou na Camara com todas as bandeiras desfraldadas.

Uma vez eleitos, muitos desses maximalistas revelaram sua verdadeira natureza. As massas operarias porém tomam as palavras a serio, e por consequencia esperavam que ás formulas revolucionarias correspondessem actos revolucionarios. O partido socialista, que, por sua attitude firme durante a guerra, por sua aberta resistencia á politica imperialista da burguezia, havia reunido em torno de si essas massas, mostrou-se singularmente fraco quando se tratou de passar da opposição á acção positiva. Tornou-se logo evidente que não havia em seu seio nenhuma grande figura verdadeiramente revolucionaria, e esta foi a impressão que deixou nos russos a numerosa delegação italiana que esteve no Congresso de Moscou, no verão passado.

Depois do armisticio o partido socialista deixara já passar um tempo enorme sem proveito, descurando a organização das forças obreiras, que cresciam desmesuradamente em numero. Os grandes movimentos de classe se succediam sem interrupção, levantando corporações inteiras, agitando ora os campos, ora os centros industriaes. A burguezia se encontrava completamente desarvorada, mas, á medida que a situação se alongava sem chegar a uma solução, preparava-se para a defeza.

O momento decisivo chegou: foi a occupação das fabricas em setembro de 1920. Todo o operariado estava fremente. O movimento poderia generalizar-se, estender-se aos campos, onde em diversas regiões já os trabalhadores haviam tomado posse das terras. Malogrou-se nas mãos dos chefes da C. G. T. Ninguem no partido socialista teve a coragem de tomar a frente do movimento, nem mesmo os communistas de Turim, segundo provas de um documento recentemente publicado.

Na realidade, Lénine e os communistas russos, em seus appellos aos trabalhadores italianos a proposito desses acontecimentos, estavam de accordo apenas com um dos principaes revolucionarios italianos, sobre o alcance do movimento: com Malatesta. Tanto é verdade que uma similitude de temperamento approxima os individuos separados por uma differença de idéas. Numa circumstancia semelhante, dois homens de acção, sinceramente revolucionarios, devem necessariamente estar de accôrdo sobre a tactica, quaesquer que sejam suas divergencias theoricas sobre a estructura da sociedade nova.

Lénine teria sido habil bastante e assás isemplo de preconceitos social-democraticos para agir de concerto com Malatesta.

Mas a maioria dos chefes socialistas italianos estava ainda muito escravizada ao passado para consentir em collaborar com Malatesta, sobretudo tendo em vista o papel preponderante que este, por sua popularidade e pelo decorrer dos acontecimentos, poderia representar. Para elles, Malatesta era ainda o velho adversario que haviam excommungado em 1892 no Congresso de Genova, e a revisão, pelo Congresso de Bolonha, do pacto de Genova, não attingira suas velhas inimizades e seus velhos rancores.

Examinando as coisas de perto, concluiremos que os socialistas, aquelles que mais tarde obtiveram maioria no Congresso de Livorno, tudo fizeram para perder Malatesta e Borghi. Na realidade prejudicaram-se, ao mesmo tempo, a si proprios.

Malatesta previra exactamente o que ia acontecer: si abandonais as fabricas, dizia elle aos operarios, só voltareis a ellas como escravos; o controle operario, que se vos promette, é uma burla; a reacção virá em seguida: ella atacar-nos-á primeiro a nós, communistas anarchistas, mas estender-se-á pouco a pouco a todos os socialistas.

Seis mezes se passaram; o parlamento que teria de realizar immediatamente o controle operario é dissolvido, e os bandos armados pela reacção destroem impunemente as camaras do trabalho e os jornaes socialistas e preparam-se para aterrorizar o corpo eleitoral.

Malatesta foi posto immediatamente á sombra, como previra. O partido socialista deixou passar o facto quasi sem commentarios. Serrati, no *Avanti!* lembrou que Malatesta havia sempre affirmado que não era preciso fazer agitação pelos homens, mas sim pela causa.

Eu bem sei que habilidadesinhas taes de polemista são consideradas como muito naturaes na politica corrente. Mas nem por isso são menos altamente reprehensiveis. O desinteresse, a abnegação pessoal de um Malatesta deveriam precisamente fazer sentir aos outros o *dever moral* de protestar em seu favor e de o defender. O senso dos valores moraes crêa obrigações que não estão inscriptas nos codigos nem nos programmas politicos, mas que por isso não são menos sentidas, nem menos comprehendidas por todos aquelles cuja acção pode contribuir para que a revolução seja outra cousa que não uma revolução de desejos e de instinctos e constitua um verdadeiro progresso para a humanidade.

Os antigos chefes do partido socialista italiano infelizmente se achavam muito impregnados do espirito da 2.ª Internacional, para comprehender a necessidade de uma alliança de todos os elementos revolucionarios sobre o terreno da lucta de classe, e de uma nitida separação entre esses elementos e a burguezia, com a consecutiva exclusão de todos os collaboracionistas.

Elles participaram de máu grado nas tentativas de constituição de uma «frente revolucionaria unica», sendo que os dirigentes da C. G. T. ogo de começo renunciram a ellas. O partido socialista não soube separar-se desses homens, que ainda pertencem, por todos os seus habitos de espirito, á social-democracia.

O congresso da C. G. T. reunido em Livorno em fins de fevereiro, mostrou mais uma vez todos os laços que os prendem ao passado. Depois de terem tomado parte, em Moscou, na fundação da Internacional vermelha dos syndicatos, elles hesitam agora entre ella e a velha Internacional dos Gompers e dos Legien, que renegaram seus principios ainda mais completamente que a Internacional politica.

Esse congresso, composto sobretudo de funccionarios syndicaes, que se não reuniam ha sete annos, deixou uma deploravel impressão de falta de visão: reunido em plena reação «facista», no momento em que os bandos armados incendiavam as camaras do trabalho e tentavam aterrorizar os proletarios organisados, esse congresso tinha uma apparencia academica e parecia estranho aos mais urgentes problemas do momento.

A falta primordial provoca necessariamente uma serie de outras faltas: por não ter querido alliar-se aos elementos da extrema esquerda do movimento socialista, o velho partido socialista italiano tomba para a direita com uma rapidez crescente; em lugar de rebocar a C. G. T., é esta que o reboca. Ella se agarra a elle, affirmando não querer entrar na Internacional de Moscou sinão em sua companhia: seus dirigentes sabem perfeitamente que isso prejudica o partido aos olhos do communismo russo, pois que a tendencia da C. G. T. aos compromissos com a burguezia é muito conhecida de todos.

Causa espanto a rapidez com que evoluem para a direita, no seio do partido, elementos que parecia estarem entre os mais intransigentes, deputados que affectavam não tomar parte nos trabalhos parlamentares. Ha um desarvorar de consciencia que parece longe de acabar.

Mas o peior de tudo é a incerteza e a fluctuação que as querellas entre os chefes e as divisões entre os militantes mais activos levam ao seio das massas obreiras: é visivel que estas não se encontram promptas a grandes movimentos de conjuncto, como no anno passado: ha nellas um pouco de lassidão e de desencorajamento, como em toda a luta violenta em que se despende muito esforço e só se obtêm mediocres resultados. — JACQUES MESNIL

RUSSIA

Correios, Telegraphos e Telephones

O regimen dos Soviets teve de vencer enormes difficuldades para restabelecer os meios de communicação. Primeiro, porque a Russia sovietista recebeu, como herança do regimen burguez, uma rêde extremamente debil de meios de communicação e uma enorme percentagem de analphabetos. Segundo, porque os contra-revolucionarios destruiram immensas extensões de linhas telegraphicas e um numero consideravel de estações. Todavia, o regimen dos Soviets tem conseguido não sómente manter a rêde existente, mas ainda fortifical-a.

No inicio de 1921, o numero das agencias postaes e telegraphicas era igual ao existente em 1915. Ha pois um sensivel augmento, si se têm em conta os novos Estados separados da Russia (Polonia, Lithuania, Lettonia, etc.). A extensão das linhas telephonicas e telegraphicas em exploração é tambem igual á existente em 1916.

A rêde telephonica foi consideravelmente augmentada, graças á nacionalização das companhias privadas. Elle mede hoje 36.000 verstas, em lugar de 10.921 em 1917. O Estado sovietista teve que pôr em boaes condições de funccionamento essas linhas privadas, cujos proprietarios as haviam deteriorado e cujos apparelhos eram todos muito antigos.

Si se levam em conta todos esses factos, havemos de concluir que a Russia dos Soviets, si não houvesse feito mais do que isso...

4.000 novas agencias postaes foram abertas durante os primeiros mezes de 1921; o numero de estações de telegrapho sem fio deve augmentar de 60 % até ao fim deste anno.

As localidades longinquas, que outr'ora viviam isoladas do exterior, recebem agora jornaes, habituando-se seus habitantes ao telegrapho sem fio e mantendo relações com os grandes centros. — A. LIOUBOVITCH (*Commissario do Povo para os Correios, Telegraphos e Telephones*).

AMERICA

ARGENTINA

A unificação proletaria

Desde algum tempo que as forças obreiras da Argentina, fraccionadas em 2 federações e alguns syndicatos independentes, vêm agitando a questão da sua unificação em um só poderoso organismo revolucionario. A unificação está virtualmente feita, deliberada que foi nos congressos ultimos das entidades até então fraccionadas.

Neste momento cogita-se apenas de effectivar-se sobre bases seguras e firmes a grande aspiração do proletariado argentino, por certo um dos mais bem organizados e mais revolucionarios do mundo. A este proposito traduzimos a seguir um dos ultimos manifestos firmados pelo Comité Pró Unidadade Obreira:

AOS TRABALHADORES DO PAIZ — Companheiros, Trabalhadores: Vivemos um momento especial da historia. Os factos diariamente desenrolados nos demonstram a profunda divisão que existe entre os componentes da sociedade humana. As classes se polarizam com maior intensidade. As lutas adquirem um caracter cada vez mais sangrento. O mundo todo, ao impulso de forças invenciveis, parece indeciso ante as ruinas de uma sociedade velha e os albores de uma nova ordem social que surge com todas as dôres de um esforço titanico.

Em 1921, as trocas de telegrammas attingem já quatro quintos das de 1920. As percentagens mais baixas se verificam nas localidades que mais soffreram com a invasão dos brancos. Ao contrario, as porcentagens mais altas que outr'ora se verificam nas provincias preservadas da invasão.

Para beneficiar mais largamente a população operaria e camponeza, foi necessario transformar e multiplicar o material technico demasiado pobre deixado pelo antigo ministerio. Da mesma fórma foi necessario renovar o pessoal e transformar radicalmente o apparelho burguez, creando um novo que se harmonise com o novo estado de coisas.

Anteriormente eram as linhas construidas ao accaso ou segundo os caprichos dos proprietarios. Trata-se, agora, de construir linhas e estações novas, e de adaptar as antigas aos novos centros administrativos e economicos.

Tornando gratuitas todas as operações dos correios e telegraphos, o Commissariado dos Correios, Telegraphos e Telephones quiz tornal-as accessiveis á massa operaria e sobretudo á massa camponeza, fornece-lhes informações, jornaes, satisfezer todas as necessidades em augmento depois da guerra e os progressos da industria.

Por onde quer que dirijamos o olhar, identico espectaculo observamos. Na velha Europa, tal como nos paizes da America, o proletariado e a burguezia se empenham num conflicto de morte. Consequencia do enorme crime que devastou a humanidade durante o longo periodo de cinco annos, o mundo burguez accelerou seu processo de desagregação, e, impotente para normalizar a engrenagem capitalista não concebe a necessidade de der vida a uma nova forma de producção e distribuição da riqueza social.

Comprehendendo que seus privilegios perigam, que sua existencia de parasita chega ao fim, que o proletariado se dispõe a assumir a direcção da sociedade, a burguezia, amedrontada, recorre a todos os meios para evitar que esses factos se produzam. E não se detém ante as mais vis brutalidades. A repressão sangrenta, as prisões, a fome, são recursos que convergem aos seus fins. Dolorosos exemplos nos apresentam os paizes da velha Europa. Desde a Russia proletaria bloqueiada, que se pretende destruir pela fome, até aos menores movimentos de reivindicação effectuados pelos trabalhadores, por sobre tudo estende a burguezia seu manto de despotismo.

E esta acção, não a sentimos nós em nossa propria carne? A burguezia argentina não faz excepção. Sua obra é a mesma. No interior da Republica são muitos os irmãos nossos que soffrem, são muitos os pequenos que choram, são muitos os protestos que se levantam de milhares de corações contra a barbaria capitalista. Não é necessario recorrer a factos que vivem latentes em nossa memoria. Todos os dias uma continua succesão de brutalidades se levam a cabo contra os trabalhadores. Na gleba immensa, sulcos de sangue proletario marcam, a um tempo, o caminho do sacrificio e o estigma da barbaria. São as policias, são as guardas brancas ao serviço do capitalismo que executam os planos de exterminio contra os que lutam por conquistar um mundo onde impera a justiça.

Ante este espectaculo, que é mundial, deve a classe trabalhadora meditar um momento. Não esqueçamos que a burguezia, nesta acção da miseravel defesa, se acha perfeita-

mente unida. Do ponto de vista internacional, ella se congrega na Liga das nações; do ponto de vista nacional, reune suas forças na Associação do Trabalho e na Liga Patriotica Argentina.

Em troca, que fazem os trabalhadores? Até ao presente, uma lucta fratricida fel-os olvidar seus mais sagrados interesses. Emquanto a burguezia, com suas hostes mercenarias, realizava terriveis repressões, nas filas obreiras reinava o desalento como logico resultado de sua impotencia, e não poderia ser de outro modo. O exercito do trabalho, que devia apresentar-se solidamente, indestructivelmente unido, não o estava. Em lugar de apresentar quadros compactos, bem orientados, achava-se com um punhado de homens dispostos ao sacrificio.

Aprendamos ao menos o exemplo da burguezia. Observemos como esta se colliga. Si bem que dividida por pequenos interesses, ella se une ante seu inimigo, o proletariado. Entretanto, não é essa nossa situação. Temos os mesmos interesses, uma mesma aspiração nos alenta, as mesmas necessidades nos impellem. Nada nos divide; tudo nos une. Porque não effectivar a unidade que nos dê a força, que nos faça poderosos, que nos apresente indestructiveis?

O momento é propicio. Os primeiros passos estão dados. O entendimento, entre as duas entidades centraes da Republica, é um facto. Os trabalhadores de ambos os organismos se acham dispostos a secundar-se em sua acção de classe. Não nos esqueçamos, de resto, que o proletariado do mundo, encaminhando-se para um terreno nitidamente de classe, tem iniciado tarefas semelhantes. Por toda a parte as forças obreiras, despojando-se de tudo que constitua um obstaculo, tendem a unificar-se.

Podemos permanecer indifferentes ante tal situação? Si as razões de ordem internacional nos exigem a unificação de nossas forças, criminoso saria não oppôr-se a ella. No animo de todo trabalhador consciente deve crystalizar-se o desejo da unidade. Aceito isto, predispondo-se a isto, a orientação é questão fundamental a que é necessario, ao mesmo tempo, dedicar a devida attenção.

E quando as hostes reaccionarias ao serviço do capitalismo se disponham a reprimir movimentos operarios; quando a burguezia internacional pretenda esmagar a revolução iniciada na Russia; quando, numa palavra, a burguezia com o odio que a caracteriza, queira massacrar os trabalhadores, semeando a morte, que de um confim ao outro da Republica uma potente e indestructivel organização responda á burguezia com a energia que taes circumstancias reclamam.

Camaradas:

Não vacilemos. Decidido o entendimento entre os dois organismos centraes do paiz, trabalhemos para que, seguindo logicamente seu processo, a unidade obreira seja um facto indiscutivel.

Juan Greco, Federación Gráfica Bonaerense — *José de J. Perez*, Sindicato Obreros Ebanistas, Similares y Anexos — *Rufino Jouzinsky*, Sindicatos Ferroviarios, Talleres y Trafico de la Confraternidad Ferroviaria — *Manuel Fernández*, Federación de Obreros em Construcciones Navales — *Ramón Suarez*, Federación Obrera Marítima — *J. Perez Leiroz*, Unión Obreros Municipales.

Leiam A PLEBE.
Apparece aos sabbados.
E' dever de todos os operarios conscientes propagal-a.

Grande reunião dos amigos de A PLEBE

São convidados todos quantos se interessam pela publicação deste periodico a comparecer á grande reunião, que se realizará amanhã, domingo, ás 2 horas da tarde, na rua Acre, 19.

Nenhum amigo verdadeiro de A PLEBE deve faltar a essa reunião, onde serão tratadas questões de interesse vital para o jornal.

NOSSO BALANCETE

ENTRADAS	
Pacoteiros n. 118, Grupo Neno Vasco 7$, Festa 1$, Cordon, 1$, Fermino, 1$, Ugo e José 2$, Ardanoi 1$, C. Civil 1$, Novais 1$, Emilio 2$, Ruiz 1$, Total	18$000
Avulsos	$800
Z. Agotane, (Paraná)	5$000
C. E. Sociais (Sorocaba)	30$000
F. Garcia (S. Maria)	11$000
Amigos da «A Plebe» (Rio)	35$000
Legião dos Amigos da «Plebe» (Sorocaba	26$500
U. dos A. em Calçado (S. Paulo)	25$000
Subscripção voluntaria:	
Lista n. 27 (Paulo Ferrare)	22$007
Lista n. 26 (F. Garcia)	12$000
A. V. (Poços de Caldas)	7$000
Lista n. 70 (Agua Branca)	14$000
Saldo da encommenda de cadernetas dos camaradas de Paiol Grande ao camarada Cecilio Martins	93$000
Saldo de 25 bilhetes de uma tombola pagos por P. Zanella a C. Martins	12$500
Venda avulsa ns. 116 e 117 A. Zambardine	100$000
Saldo do café tomado na Casa Colombina	11$000
Pacoteiros do n. 119: Cordon 1$, Ruiz 1$, Festa 1$, Aroca 1$, Ardonoi 1$, Fermino $500, Romero $500, Total	6$000
Pedro Augusto (Pelotas)	11$000
P. Toneli (Piracicaba)	8$000
Lista E. P. 3$. Bonifacio 5$	8$000
E. Z. da Festa de 1921	2$000
U. Canteiros de Bariry	5$000
Venda avúlsa na C. Civil	1$600
Venda avulsa do n. 118 Zambardin e	47$500
Por conta da festa de Maio	180$000
Somma Rs.	691$900

DESPESAS	
Deficit anterior	333$500
Feitura do n. 118	121$000
Sellos para expedição	12$000
Despacho de 7 pacotes	4$200
Seis registrados	3$000
Tres despachos	2$400
Limpeza da séde	5$000
Um cliché	4$500
Ingressos para o festival de Sant'Anna	8$000
Bonde pasa o mesmo	5$200
Convites e numeros de tombola do Grupo Nova Era	12$000
Pago por folhetos	35$000
Differença do lançamento feito em janeiro de um cheque de Rio Preto	99$000
Despesas da administração	10$000
Remettido ao Rio para o n. 119	200$000
Envio do cabeçalho	1$500
Carreto do n. 119	4$000
Despacho do n. 119	3$800
Despacho de pacotes do n. 119	3$600
Uma carta expressa	$600
Barbante	$500
Sellos para a expedicção	9$800
Differença recebida no correio	1$000
Um dia de serviço ao administrador	7$000
Remettido ao Rio para o n. 120	230$000
Somma Rs.	1:116$600

RESUMO	
Entradas	691$900
Despesas	1:116$600
Deficit	424$700

Nota do administrador:

O presente balancete só contém as entradas e despesas feitas em São Paulo até o dia 7 de Junho de 1921. —*Rodolfo Felippe.*

Nosso balancete ns. 119, 120 e 121

ENTRADAS	
Dinheiro recebido de São Paulo	200$000
Pacote Zanela	30$000
» »	26$400
» »	5$800
» Arcas	13$400
» Engraxate	3$500
» Leite	6$000
» Aranda	2$700
Avulsos	3$200
Dinheiro recebido de São Paulo	230$000
Pacotes na reunião	12$000
Collecta na reunião	14$000
Pacote Zanela	37$800
Somma Rs.	584$800

DESPEZAS	
Feitura do n. 119	210$000
Feitura do n. 120	210$000
Despacho do n. 119	20$000
Sellos do n. 119	12$000
Gomma	1$000
Pinceis	2$800
Passagem a Nicteroy	2$000
Ao Revisor	10$000
Despacho do n. 120	14$800
Saccos para o n. 119	2$700
Um telefonema	8$000
Barbante	1$000
Uma agulha	$300
Dois saccos para o n. 120	1$800
Sellos	5$000
Barbante	1$000
Um ingresso na Central	$200
Feitura do n. 121	210$000
Somma Rs.	712$600

RESUMO	
Entradas	584$800
Despesas	712$600
Deficit	127$800

Movimento operario

O realejo maritimo

As lamurias, quando não commovem, irritam, principalmente si são de individuos fortes physicamente, que por uma significativa depressão moral, e ausencia de virilidade mental, assemelham-se á esses morbidos, que vêm phantasmas em cães nocturnos, e montanhas inacessiveis em degraus de cantaria, e baldada e desesperadamente recorrem a Deus e santos seus aulicos, com orações e offerendas cruentas ou não, afim de livraremse de taes espectros que outros menos ingenuos mais animosos e esclarecidos, dissipam com a luz da Razão, e desmoronam com os os golpes da luta.

E' verdade que não desejava falar, emquanto não terminasse definitivamente a actual greve maritima, porém, exgotou-se-me a paciencia, ante as comichões da ferida mal cicatrizada, e arranquei a gladura, para examinal-a, embora com riscos de novamente fazel-a sangrar.

Já me eram insuportaveis, no emtanto, as noticias dos jornaes, dizendo que nas assembléas dos grevistas, os oradores, systematicamente, alludiam ao «patriotismo» proprio da classe, ou dos mediadores e armadores.

Invocaram o patriotismo para obterem compaixão e vencerem a greve, agora invocam o sediço, falho, e comprovadamente nullo patriotismo, para perderem a gréve, «honrosa e patrioticamente».

Parece aquella historia das beatas, que promettem uma vela a um santo qualquer para ganharem no bicho e que, perdendo, accendem a mesma vela, para que não se despeite e conceda o favor de outra vez.

Perdem o dinheiro jogado e o gasto em cêra para tão surdo patrono, e culpam as visinhas de não terem sabido interpretar exactamente o sonho palpitoso que lhes suggestionara o santo.

Brigam, pois, as comadres, apparecem as verdades e o santo e os bicheiros continuam a ganhar velas de lisonja, e a abarrotar os cofres.

Vou deixar as figurações e explicar as allusões.

Os taifeiros, cuja organização até então estacionara, passaram a desenvolverem-se extraordinariamente, espantando não só aos armadores como ás demais classes maritimas, que sentiam escapar-se-lhes o bastão do commando ha muito tempo transformado em cajado de mendigo.

Não quizeram pois, os marinheiros serem sobrepujados pelos taifeiros, e offereceram-se para auxilial-os nas reivindicações, fazendo assim jús á partilha das glorias e triumphos, mas esqueceram-se de que nem todas as lutas têm desfecho victorioso.

Foi toda espontanea a adhesão que os marinheiros deram ás escaramuças do Syndicato dos Taifeiros com o Lloyd Brazileiro e quando se deu o primeiro choque sério, correram a postar-se ao lado daquelle, jurando por suas bandeiras e tradicções, que morreriam com os seus irmãos taifeiros, mas não os abandonariam.

Estes, mais fracos e ainda convalescentes de luta anterior, e mais visados pelos adverserios, pois foram-lhes assaltada e arrebalados séde e bens, como tambem perseguidos e encarcerados os seus melhores combatentes, fraquejaram um tanto, porém, sem arredarem pé da attitude inicial.

Aterrorisados com a intensidade e desdobramento da luta e o anniquilamento imprevisto e prematuro dos reforços que contavam como decisivos (grêve gerál), os marinheiros pensaram em recuar para as primitivas posições, tendo entretanto uns restinhos de dignidade e escrupulos em abandonar os taifeiros.

Estes vislumbres de dignidade e consciencia dissiparam-se quando os foguistas entraram na luta, primeiro confraternizando, e depois, impondo condições humilhantes equivalente a um protectorado autocrata, que os taifeiros altivamente repelliram, sendo então traiçoeiramente alijados pelos marinheiros e ainda por cima cobertos de insultos e apupos, como dois amigos que viajando juntos, um delles visse e deixasse friamente approximar-se e dilacerar o outro, adormecido e confiado na sua vigilia, uma bestafera á espreita; isto, com o fim de não ser forçado a repartir as suas provisões com o infeliz que mais prodigo e pobre, exgottara primeiro as suas, e generoso e corajoso, encetara a jornada confiando tão sómente no seu animo e energias, e na falsa amizade do companheiro e que este hypocrita e cruel, ainda o insultasse de não ter sido rico, e o culpasse de bastante mesquinho e imbecil, para bradar-lhe soccorro e recriminal-o quando mortalmente ferido.

Livres dos taifeiros, seguiram os marinheiros, as pisadas dos foguistas executando-lhes as ordens e obedecendo-lhes aos acenos, cégamente confiados na sabedoria e nova tactica do novo amigo, robusto e fanfarrão que se basofiava de afugentar, só com os berros, a mais faminta e sanhuda féra.

Houve rastejos, fogueiras de bajulações, longas voltas que traziam ao mesmo logar de partida, finalmente o cansaço, o descontentamento, a desconfiança dos altos e praticos conhecimentos dos foguistas e tendo deixado a dignidade chorando aos pés dos taifeiros, os marinheiros como os abandonaram, traíram agora aos foguistas, que, surprehendidos, choram e lamuriam-se, estigmatisando ora os seus amigos de hontem, ora o «patriotismo» do expoente maximo da esperteza lograda e animosidade dos nossos jecas, ora os armadores que não os poupam aos seus fabulosos lucros.

Não vejo justificativas acceitaveis para semelhantes lamentações; porventura, assistem direitos aos foguistas, para exigirem dos marinheiros uma lealdade, que lhes ensinaram a considerar como mesquinho sentimento, ante a opulencia concreta de melhor partido?...

Poderá por acaso o educador reprehender ou malquistar-se com o alumno que fez a applicação dos principios aprendidos, embora, no proprio educador?...

Póde o individuo esperar fidelidade da mulher que perverteu, para arrebatal-a do lar alheio?...

Poderia proseguir nas perguntas, mas fico por aqui certo de que não terei mais todas as manhãs, sob a janella o maldicto realejo do cégo, cantando a sua desditssa historia, tocando sempre a mesma musica no mesmo compasso, n'uma monotonia irritante... patri...o...tismo por patri..o..tismo...

Do contrario, serei forçado a, em logar de toleral-o, despejar-lhe um jarro de agua fria por cima.

JOÃO ESTEVES DA COSTA

Pró Florentino de Carvalho

Festival de solidariedade

Organisado por um grupo de operarios, realisar-se-á no dia 26 de Junho, ás 16 horas, na rua Acre, 19, um festival, cujo producto será destinado a auxiliar o companheiro Florentino de Carvalho que se acha gravemente enfermo. Os cartões de ingresso já se acham á venda nas Associações pelo preço de mil réis.

Do programma constará uma conferencia do camarada José Oiticica, que falará sob o thema: «As lições da politica».

União dos Alfaiates — Assembléas—Terças-feiras, ás 20 horas —Rua Senhor dos Passos, A-8.

União dos Officiaes Barbeiros—Assembléas—Quintas-feiras ás 20 horas—Rua Senhor dos Passos, A-8.

União das Costureiras e Classes Annexas—Assembléas—Quartas-feiras, ás 20 horas—Rua Senhor dos Passos, A-8.

União dos Empregados em Padarias—Reuniões da Commissão Executiva—Quintas-feiras, ás 15 horas—Assembléas geraes—Domingos, ás 13 horas.

Associação dos Trabalhadores em Construcção Civil—Secretaria e Thesouraria, rua Acre, 19, (sobrado). Expediente—Das 9 horas da manhã ás 9 da noite. Assembléas, ás quartas-feiras.

União dos Operarios em Fabricas de Tecidos—Hoje, assembléa geral, rua Acre, 19.

Alliança dos Empregados no Commercio — Rua Acre, 19 — Avisamos aos associados que o praso para a revisão de matriculas terminará a 30 do corrente. Os associados que se queiram quitar devem enviar á séde as suas direcções para serem procurados pelo nosso cobrador, ou na séde, aos domingos, das 14 ás 16 horas—O Secretario Geral.

Syndicato Culinario—Assembléas—Quintas-feiras—ás 21 horas—Reunião da Commissão Executiva e delegados, terças-feiras, ás 9 horas da noite.

União dos Taifeiros, Culinarios e Panificadores Maritimos

Este organismo promoverá no dia 16 de Julho, um festival no theatro do Centro Gallego.

O programma da festa é o seguinte:

I—Ouverture pela orchestra.

II—Conferencia pelo dr. Aggripino Nazareth.

III—Drama em 1 acto.

IV—Comedia em 2 actos.

V—Acto variado.

Terminará o espectaculo com um bem organisado baile familiar.

Os impressos acham-se á venda em todas as associações operarias.

União dos Empregados em Padarias

Esta União realizará um festival, no dia 2 de Julho, ás 9 horas da noite. O programma constará duma apotheose ao trabalho, conferencia sobre a questão social, pelo dr. Mauricio de Lacerda, acto variado e baile familiar. Abrilhantará o festival uma banda de musica.